

## **DINÂMICAS DO AGRONEGÓCIO E EXPANSÃO URBANA: UMA ANÁLISE DA CIDADE DE URUCUI (PI)**

Paulo Henrique de Carvalho **BUENO**

Doutor em Políticas Públicas. Docente do Instituto Federal do Piauí / *Campus* Oeiras

E-mail: ph21bueno@hotmail.com

Francílio de Amorim dos **SANTOS**

Doutor em Geografia. Docente do Instituto Federal do Piauí / *Campus* Piriipiri

E-mail: francilio.amorim@ifpi.edu.br

**RESUMO:** Objetiva-se analisar o crescimento urbano e suas interrelações com a expansão do agronegócio no município de Uruçuí - PI. Na verdade, o Piauí inicia seu processo de modernização agrícola a partir dos anos de 1970, com a expansão do cultivo em áreas do cerrado e se consolida ao longo da década de 1990, principalmente com a vinda de produtores sulistas com vistas a explorar essa nova fronteira agrícola. O escrito se baseia em revisão bibliográfica, dados do IBGE e uso de imagens de satélites que permitiram quantificar a expansão da área agricultável do município. Verificou-se que desde o início das atividades produtivas do agronegócio a população urbana de Uruçuí aumentou significativamente, o que fez chegar em 2010 a um percentual de 75,96% da população. Essa dinâmica populacional concretizou ampliação do espaço ocupado pela cidade, uma vez que entre 2006 e 2016, aumentou 75%. As imagens *Landsat*, analisadas por meio das ferramentas do *Google Earth Pro*, indicaram aumento das áreas destinadas aos cultivos agrícolas temporários no município estudado, cuja área plantada passou de 3.222 ha, em 1980, para 175.889 ha, em 2016. Ressalta-se, ainda, que a lavoura de soja apresentou substancial aumento passando de apenas 60 ha, em 1990, para expressivos 112.948 ha, em 2016, fato que permite afirmar que esse produto tem sido o carro-chefe na agricultura do município de Uruçuí.

**Palavras-chave:** Sudoeste piauiense. Agricultura. Dinâmicas espaciais.

## **DYNAMICS OF AGRIBUSINESS AND URBAN EXPANSION: AN ANALYSIS OF URUCUI CITY (PI)**

**ABSTRACT:** The objective is to analyze urban growth and its interrelations with the expansion of agribusiness in the municipality of Uruçuí - PI. In fact, Piauí begins its process of agricultural modernization from the 1970, with the expansion of cultivation in cerrado areas and consolidates throughout the 1990, mainly with the arrival of southern producers to explore this new agricultural frontier. The writing is based on literature review, IBGE data and use of satellite images that allowed quantifying the expansion of the municipality's arable land. It was found that since the beginning of agribusiness productive activities the urban

population of Uruçuí has increased significantly, which in 2010 reached a percentage of 75.96% of the population. This population dynamics increased the space occupied by the city, since between 2006 and 2016 it increased by 75%. The Landsat images, analyzed using the Google Earth Pro tools, indicated an increase in the areas destined to temporary agricultural crops in the studied municipality, whose planted area went from 3,222 ha in 1980 to 175,889 ha in 2016. , that the soybean crop showed a substantial increase from only 60 ha in 1990 to a significant 112,948 ha in 2016, a fact that allows us to say that this product has been the flagship in agriculture of the municipality of Uruçuí.

**Key words:** Southwest Piauí. Agriculture. Space dynamics.

## **DINÁMICA DE LA AGRICULTURA Y LA EXPANSIÓN URBANA: UN ANÁLISIS DE LA CIUDAD DE URUCUÍ (PI)**

**RESUMEN:** El objetivo es analizar el crecimiento urbano y sus interrelaciones con la expansión de los agronegocios en el municipio de Uruçuí - PI. De hecho, Piauí comienza su proceso de modernización agrícola a partir de la década de 1970, con la expansión del cultivo en áreas cerradas y se consolida a lo largo de la década de 1990, principalmente con la llegada de productores del sur para explorar esta nueva frontera agrícola. La redacción se basa en la revisión de la literatura, los datos del IBGE y el uso de imágenes satelitales que permitieron cuantificar la expansión de las tierras cultivables del municipio. Se encontró que desde el inicio de las actividades productivas de agronegocios, la población urbana de Uruçuí ha aumentado significativamente, que en 2010 alcanzó un porcentaje del 75,96% de la población. Esta dinámica de población aumentó el espacio ocupado por la ciudad, ya que entre 2006 y 2016 aumentó en un 75%. Las imágenes de Landsat, analizadas a través de las herramientas de Google Earth Pro, indicaron un aumento en las áreas de cultivo agrícola temporal en el municipio estudiado, cuya área plantada pasó de 3,222 ha en 1980 a 175,889 ha en 2016. , que la cosecha de soja mostró un aumento sustancial de solo 60 ha en 1990 a un significativo 112,948 ha en 2016, un hecho que nos permite decir que este producto ha sido el buque insignia en la agricultura del municipio de Uruçuí.

**Palavras claves:** Suroeste de Piauí. Agricultura. Dinámica espacial.

## **INTRODUÇÃO**

Inicialmente, é salutar afirmar que o Piauí inicia seu processo de modernização agrícola a partir dos anos de 1970, com a expansão do cultivo em áreas do cerrado. Nesse sentido, os anos de 1990 marcam uma inflexão nesse processo com a vinda de produtores sulistas (Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso, dentre outros) com vistas a explorar essa nova fronteira agrícola. Na verdade, essas ações se assemelham ao de outros espaços com processos expansionistas já consolidados, em que com o auxílio de incentivos estatais, modificaram significativamente as paisagens rurais e urbanas dos municípios em que se instalaram (MONTEIRO, 2002; ALVES 2006).

Nesse contexto, destaca-se Uruçuí, município localizado na mesorregião sudoeste do estado do Piauí, que se constitui atualmente em uma das principais produtoras de produtos agrícolas oriundos da agricultura moderna. Na verdade, o papel desempenhado pelas práticas agrícolas nessa municipalidade tem reverberado em seu processo de urbanização, o que promoveu e promove modificações significativas nas formas e conteúdos urbanos.

Dito isso, objetiva-se nessa pesquisa analisar a expansão urbana e suas interrelações com a expansão do agronegócio no município de Uruçuí - PI. A consecução desse objetivo ancora-se em revisão bibliográfica e aquisição de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que evidenciam modificações significativas na dinâmica demográfica de 1990 aos dias atuais. Ademais, imagens de satélites são utilizadas para evidenciar a expansão da mancha urbana da cidade ao longo da temporalidade em destaque. A estrutura do escrito assim se delinea: 1) breve discussão sobre produção do espaço urbano; 2) análise da expansão urbana de urbana e suas interrelações com as dinâmicas do agronegócio nesse município instalado.

## **PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: BREVES REFLEXÕES**

Os espaços urbanos concretizados nas cidades vêm passando por transformações que alteram suas formas e conteúdos sob influência de diversos fatores, como o adensamento populacional, o avanço e consolidação das relações capitalistas de produção, a terciarização da economia, o processo de globalização em suas dimensões políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais, entre outros. Essas mudanças engendram processos de (re)estruturação urbana que (re)configuram os espaços e suas conexões, seja em seus fixos, seja em seus fluxos (SANTOS, 2008), (re)ordenando as lógicas de produção e reprodução espacial e remodelando a forma urbana que se caracteriza pela expansão do tecido urbano com todas suas (des)continuidades e contradições.

Analisar a produção espacial urbana, o que se concretiza nas cidades, implica considerar a sua dinâmica de produção e crescimento via transformações do processo de urbanização como parte da trama de (re)produção do capital e da sociedade. Com efeito, o movimento contraditório que produz o urbano, em que os agentes produtores agem de forma articulada, fragmentada e conflituosa, revela a dialética inerente a esse processo. Nessa senda, uma das linhas investigativas centra-se na abordagem da produção social do espaço proposta por Gottdiener (1993), que:

[...] eleva o elemento espaço a um foco principal de análise junto com as atividades da economia e do Estado. Isso significa que a forma [...] pode ser abordada principalmente como o modo histórico e socialmente específico de *design* que pode ser entendido se captarmos a relação entre tais espaços e os elementos de organização social, como economia, política e valores ideológicos. A análise urbana se realiza dentro de tal contexto como um entendimento generalizado dos processos que produzem, mantêm e reproduzem espaço de assentamento (GOTTDIENER, 1993, p. 27).

Pensar a produção social do espaço implica analisar como as práticas humanas se concretizam no urbano e como as distintas classes sociais produzem e reproduzem seus espaços, em que a natureza espacial da sociedade possui relevância fundamental para seu entendimento. Daí que, segundo Gottdiener (1993, p.28), essa abordagem “[...] procura unificar os vários campos da análise urbana através da observação de que os atuais problemas da sociedade parecem ser cada vez mais articulados com problemas de natureza espacial”.

A produção social do espaço, de acordo com Gottdiener (1993), visa compreender como as articulações das atividades sociais, políticas e econômicas imprimem padrões de distribuição que produzem o meio ambiente vivido, o que leva a pensar a produção do espaço como um complexo de ações que se projetam nas formas, as quais possuem um processo de constituição simultaneamente temporal e espacial. Assim, compreender as articulações das atividades humanas em sua totalidade permite aprender como o urbano, concretizado nas cidades, reflete as contradições sociais inerentes ao sistema capitalista.

As discussões da produção do espaço da cidade por seus agentes produtores, constituídos, segundo Corrêa (1989), pelo Estado, proprietários dos meios de produção, promotores imobiliários, proprietários fundiários e grupos socialmente excluídos, remetem a reflexões sobre a constituição do processo de urbanização e seus reflexos espaciais. Nessa direção, o fenômeno requer que se considerem os processos de (re)construção entre produção espacial e cidade como acumulação de tempos, sublinhando a urbanização e suas determinações. Considera-se que a urbanização se constitui em um processo que deve ser visto como um movimento espaço-temporal complexo e dinâmico, permitindo que se analisem as múltiplas conexões entre espaço e tempo não somente do ponto de vista da sucessão e sincronia entre objetos e ações, mas também dos descompassos, dos conflitos e das inflexões que marcam esse movimento articulador dessas duas dimensões da existência – espaço e tempo (SPÓSITO, 2000; 2004; 2010).

Em suma, como já alertava Santos (1982), o processo de urbanização se dá de forma desigual nos diferentes espaços, o que requer um estudo dos ritmos do fenômeno e uma interpretação dos mecanismos que o engendram e o constituem. É que a urbanização e, por

consequente, o urbano, deve ser caracterizado como um modo de vida, como um horizonte de transformações territoriais em todas as dimensões humanas (RODRIGUES, 2013).

A ideia de urbanização como processo auxilia no entendimento de outro fenômeno – a (re)estruturação urbana porque passam as cidades brasileiras na atualidade, especialmente as de portes médio e grande. Na verdade, a análise da (re)estruturação perpassa a compreensão das novas lógicas locacionais regidas pelo sistema de mercado, o que implica o acesso e as diferenças de apropriação a determinada porção da cidade pelos diversos segmentos sociais, o que traz à tona as contradições que permeiam o espaço urbano e se concretiza na morfologia cidadina (MONTESSORO, 2006).

Compreende-se, assim, que o espaço urbano deve ser apreendido como produção espacial, histórica e temporal. Decorre, portanto, que a análise do espaço urbano, mesmo que em recortes específicos, passa pela compreensão da relação entre forma e processo, perpassada pelas intenções dos agentes produtores do espaço e pela função e estrutura dos espaços pesquisados, uma vez que a funcionalidade especializada e a fragmentação socioeconômica são o “[...]que fratura a textura constituída pelas formas pretéritas de produção do território da cidade e de territorialização intraurbana de seus múltiplos papéis” (SPÓSITO, 1996, p.94). Destarte, o espaço intraurbano é estruturado sob os interesses do consumo, como uma mercadoria, sendo o espaço urbano produzido e consumido por apropriações que determinadas classes sociais promovem no seu viver societário (VILLAÇA, 2001).

Saliente-se que a compreensão dos processos que estruturam e reestruturam o urbano partem das relações contraditórias entre a produção do espaço e as forças de reprodução da sociedade (SANTOS, 2008; 2008a) e depreende-se que, na explicação do espaço urbano e seus múltiplos papéis, este é concebido como um conjunto de fixos e fluxos dentro de um sistema socioeconômico historicamente construído. Com efeito, o espaço urbano, do ponto de vista capitalista, é entendido como capital fixo e lócus da produção que aproxima as pessoas dos serviços nele contidos, daí ser também fluxo de pessoas, mercadorias e informações, entre outros aspectos (CARLOS, 1992).

Tomando como pressuposto a ideia de dinamicidade do urbano, encerrada na díade fixo-fluxo, é necessário apreendê-lo como movimento, uma vez que a lógica do Estado e a do capital conjuga-se com o desenvolvimento do meio técnico, científico e informacional, tendendo a promover uma fragmentação espacial, expressa em uma diferenciação e especialização dos lugares em nível territorial, com cidades, ou frações cidadinas, voltadas para a produção, o consumo ou a moradia (LIMONAD, 2006). A fragmentação espacial da

cidade para a produção, o consumo ou a habitação se efetiva pela diferenciação socioespacial na qual processos e práticas produzem e reproduzem distintos padrões em que essa diferenciação traduz-se como desigualdade socioespacial (CARLOS, 2007; CORRÊA, 2007).

Na produção do espaço urbano, os processos espaciais se constituem em ações realizadas pelos diversos agentes que atuam ao longo do tempo e produzem na cidade fenômenos como a centralização de atividades comerciais e de serviços, descentralização e segregação residencial. Enfim, esses processos realizam-se como:

[...] um conjunto de forças atuando ao longo do tempo, viabilizando localizações, realocações e permanências de atividades e população sobre o espaço da cidade. Postos em ação pelos diversos agentes sociais da produção do espaço, os processos espaciais constituem um movimento de massa, envolvendo uma sequência sistemática e regular de ações em um período de tempo relativamente longo. Repetitividade e duração longa são definidores dos processos espaciais, distinguindo-os das práticas espaciais. Centralização, descentralização e segregação residencial são exemplos de processos espaciais (CORRÊA, 2007, p. 68).

A ideia de processos espaciais presentes em Corrêa (2007) conduz ao raciocínio de que, para se analisar a produção espacial urbana, deve-se considerar o tempo como uma dimensão indissociável do espaço, no qual as ações humanas produzem formas espaciais que revelam a história dessa realidade, não sendo, portanto, um produto acabado, mas que vai se constituindo. Essa constituição é realizada a partir das práticas espaciais, entendidas como “[...] ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos [...], caracterizadas por uma escala temporal limitada” (CORRÊA, 2007, p.68-69).

As práticas espaciais realizadas de forma sistemática e regular, numa escala temporal longa, transformam-se em processos espaciais (CORRÊA, 2007) e acabam por configurar o espaço urbano como fragmentado e diferenciado socioespacialmente, o que pode ser lido na própria paisagem citadina. Assim, para o entendimento dessas diferenças que geram fragmentações, faz-se necessário relacionar essa dinâmica com a estrutura espacial urbana total e com os elementos da totalidade social, analisando como o espaço urbano se constitui em fator de dominação, por determinadas classes sociais via produção social do espaço e do tempo (VILLAÇA, 2011).

Ressalta-se que analisar o espaço urbano, segundo Carlos (1992, p.79), “[...] significa pensar o homem enquanto ser individual e social no seu cotidiano, no seu modo de viver, agir e pensar”, pelo que, conforme Corrêa (1989, p.9), o espaço urbano se constitui como “[...]”

fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É, assim, a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais [...]”. Enfim, refletir sobre a produção social do espaço significa que se deve captar o modo histórico e social de produção da forma a partir do entendimento das relações entre os espaços e os constituintes da organização social (economia, política e valores ideológicos), o que possibilita entender o urbano por meio dos processos que o produz, mantém e reproduz (GOTTDIENER, 1993).

Esse espaço urbano é (re)produzido por e a partir dos agentes sociais. Na produção espacial urbana, o papel do Estado como (re)produtor espacial é fundamental, uma vez que atua também na organização espacial da sociedade e dá suporte infraestrutural para a (re)produção socioespacial (CORRÊA, 1989), o que evidencia as materialidades das políticas públicas. A atuação estatal visa, nessa perspectiva, à satisfação básica da população e à criação do alicerce para a (re)produção do capital, admitindo-se que “[...] sua ação é marcada pelos conflitos dos diferentes membros da sociedade de classe, bem como da aliança entre eles” (CORRÊA, 1989, p.26).

Dessa forma, depreende-se que o espaço urbano caracteriza-se pela fluidez espaço-temporal e sua (re)produção decorre das interrelações entre o poder público e outros agentes produtores do referido espaço, ou seja, resulta das interpenetrações do público com o privado. Mas essa fluidez no espaço, também, advém do desenvolvimento dos meios de transportes e telecomunicações, que provoca(ram) mudanças substanciais no urbano, alterando características quantitativas e qualitativas dos equipamentos e serviços. Por conseguinte, é a partir da produção do espaço urbano que se busca a compreensão do processo de urbanização nas sociedades, nos níveis local, regional ou nacional.

A discussão da produção espacial urbana remete, portanto, à análise dos diversos sujeitos produtores e suas interrelações, que acabam por tomar forma na cidade (CORRÊA, 1989; 2006). A compreensão dessa dinâmica urbana auxilia, por conseguinte, as interpretações da urbe como fragmentada, articulada, conflituosa, portadora de diferenciações socioespaciais, produtora e reprodutora da centralidade, entre outros fenômenos. Em síntese, tais dinâmicas de (re)produção espacial urbana são verificadas em Uruçuí (PI), alvo da discussão seguinte.





1902, desmembrado de Aparecida (IBGE, 2019a; URUCUI, 2019). Sua emancipação política foi motivada pelo crescente serviço de navegação fluvial que acontecia entre as cidades piauienses de Parnaíba, Teresina, Floriano e São Félix de Balsas(MA), tendo Uruçuí como entreposto desse rico processo (URUCUI, 2019).

Uruçuí está assentada sobre duas formações geológicas associadas a coberturas sedimentares, pouco a moderadamente consolidadas originadas de grandes e profundas bacias sedimentares do tipo sinéclise, a saber: Pedra de Fogo, datada do período Permiano, constituída por arenitos, folhelhos, calcários e silexitos; e Piauí, originado no período Carbonífero, compreende os arenitos, siltitos, folhelhos e calcários (CPRM, 2006a; 2006b).

O relevo do município de Uruçuí apresenta relevo com extensas superfícies tabulares ligadas a chapadas e planícies fluviais associadas a áreas de inundações (BARBOSA, 2013). Por sua vez, as condições climáticas do município de Uruçuí apontam para um clima quente e semiúmido, com precipitação média anual de 800 a 1.200 mm e temperaturas mínimas de 20°C e máximas de 31°C, cujo período chuvoso estendendo-se de novembro-dezembro a abril-maio, onde se destacam os meses de janeiro a março como o trimestre mais úmido (AGUIAR; GOMES, 2004).

Por seu turno, o mosaico de solos do município origina-se da sedimentação dos arenitos, folhelhos, siltitos e calcários, quais sejam: latossolos amarelos, álicos ou distróficos, textura média, associados com areias quartzosas e/ou podzólico vermelho-amarelo concrecionário, plíntico ou não plíntico, fase cerrado tropical subcaducifólio, localmente mata de cocais (JACOMINE *et al.*, 1986, apud AGUIAR; GOMES, 2004).

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo apresentou natureza descritiva quanto ao seu objetivo, posto que seu foco esteja na descrição de características ligadas a determinada população ou fenômeno ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002), que na pesquisa esteve associado à relação da expansão urbana e suas inter-relações com a expansão do agronegócio no município de Uruçuí, estado do Piauí. Desse modo, para operacionalização da pesquisa foi necessário à realização de levantamento bibliográfico e cartográfico.

A primeira etapa, revisão bibliográfica, esteve associada à aquisição de dados alfanuméricos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019a; 2019b). Ao passo que a segunda disse respeito à aquisição de arquivo vetorial junto ao site do IBGE (2015) e alfanuméricos no banco de dados do IBGE (2019) e Ministério da Saúde (BRASIL,

2019). Ao passo que as imagens do satélite *Landsat*, manuseado via aplicativo *Google Earth Pro*(2019), considerando-se os seguintes anos: 1984, 1990, 2000, 2010 e 2016. As referidas imagens foram utilizadas para vetorização e mensuração das áreas destinadas à monocultura no município de Uruçuí, por meio das ferramentas ligadas ao aplicativo mencionado.

## **DINÂMICAS DO AGRONEGÓCIO E EXPANSÃO URBANA: UMA ANÁLISE DA CIDADE DE URUCUÍ (PI)**

O Brasil tem, a partir da segunda metade do século XX, vivenciado a expansão de sua fronteira agrícola, principalmente para a produção de alimentos requeridos pelo mercado externo, a exemplo da soja. Esse alargamento de sua área produtiva atingiu lugares antes isolados e que se reproduziam lentamente, caso de Uruçuí (PI). É a década de 1970 que marcará o início desse processo em território piauiense, mas que toma vigor efetivo dos anos 1990 aos dias atuais.

Na verdade, a temática de urbanização e produção do espaço urbano no sudoeste piauiense, principalmente tendo como foco a municipalidade de Uruçuí, tem sido objeto de diversas pesquisas e diversos campos disciplinares. Vale dizer que esses estudos objetivaram, cada um a seu modo, compreender como a expansão do agronegócio promoveu modificações significativas nas formas e conteúdos urbanos encerrados na cidade em tela.

Alves (2006) analisou os impactos da produção agrícola, principalmente da soja, no território piauiense e suas repercussões no campo e no urbano na porção sul do estado, especialmente nas cidades de Bom Jesus e Uruçuí. Suas reflexões levam a concluir que a introdução de práticas agrícolas modernas tem promovido modificações substanciais nas formas e conteúdos do rural e urbano das cidades investigadas, e impõe desafios para um desenvolvimento socioeconômico mais equânime da população envolvida. Na verdade, afirma Alves (2006) que se por um lado verificou-se a chegada de novos moradores com modos diferentes de vida, diversas lojas de maquinários, materiais de construção, de insumos para a agricultura, novas formas de lazer e consumo do espaço, vê-se também a expulsão de pequenos agricultores de suas terras, os quais migram em direção às cidades e ocupam os espaços mais periféricos, pouco dotados de infraestrutura urbana, o que onera mais suas vidas.

A constatação de Elias (2017) de que as cidades do sudoeste piauiense, espaços de maiores produções agrícolas, passam por um processo de reconstrução de suas funções ao articularem os fluxos das grandes redes agroindustriais, as quais envolvem fornecimento de insumos, fertilizantes e máquinas agrícolas, é motivo para que Rufo e Araújo Sobrinho (2018)

analisem as transformações urbanas ocorridas nas cidades de Bom Jesus e Uruçuí frente à inserção de seus territórios na rota do agronegócio globalizado. Os autores, baseiam-se na metodologia de Elias (2017) para analisar as Regiões Produtivas Agrícolas (RPAs) com vistas a compreender as novas relações entre campo e cidade, as transformações urbanas e a (re)estruturação regional. As análises feitas por Rufo e Araújo Sobrinho (2018, p.57-58) os levam a concluir que:

[...] As duas cidades do agronegócio do Piauí, nesse caso, são centros urbanos especializados para o atendimento da demanda do setor agropecuário e da sua população, extremamente diversificada, destacando-se em função da quantidade de empresas nos setores de comércio e serviços que fornecem insumos agrícolas, fertilizantes, máquinas agrícolas e empresas prestadoras de serviços de transportes, armazenagem e pesquisa agropecuária.

Na verdade, as cidades em destaque evidenciam as dinâmicas promovidas pela inserção do agronegócio como base econômica para as urbes analisadas, as quais as tornam “[...] centros da concentração populacional, causada pela atração da mão de obra e de migrantes de outras regiões” (RUFO; ARAÚJO SOBRINHO, 2018, p.58). Nesse sentido, as transformações urbanas, refletidas sob diversos aspectos, adensam a malha citadina e indicam a constituição de novas funções dessas cidades.

Ao analisar as interrelações entre a expansão do agronegócio e suas repercussões sobre o urbano das cidades do sul piauiense, verifica-se mudanças substanciais nas formas e conteúdos dessas espacialidades. Nas palavras de Alves (2005, p. 657),

A instalação de empresas ligadas diretamente à produção, mas também ao comércio e serviços destinados à demanda de novos moradores, permitiu, da mesma maneira, que a população local pudesse acessar a determinados serviços pouco frequentes no seu cotidiano: churrascarias, padarias, pizzarias, etc. possibilitando a ela incorporação de novos hábitos. É possível hoje ao adentrar em qualquer supermercado desses municípios encontrar erva mate para o preparo do chimarrão, ou deparar com pizzarias que vende variedades de pizzas só encontradas no sul do Brasil, ou ainda, churrascarias com suas carnes preparadas mais ao estilo dos novos moradores.

As atividades ora instaladas no espaço municipal enseja incrementos nas formas e conteúdos urbanos. Nessa direção, Cunha e Nunes (2019) mapeiam, a partir de imagens de satélite, a expansão da área urbanizada e de uso do solo de Uruçuí (PI) entre os anos de 2006 e 2016. Constataram os autores que em 10 anos, a área urbana da cidade teve um aumento de 75%, posto ter saído de uma malha urbana que cobria 0,08% do território municipal para

0,14%. Ademais, houve maior crescimento nas direções Sul e Leste da sede municipal (CUNHA; NUNES, 2019).

Façanha (2009) visou escrutinar os fatores determinantes dos espaços sub-regionais do Piauí em que um deles se referiu à produção da soja nos municípios piauienses, com destaque para Uruçuí, ainda, investigou as consequências na sociedade e meio ambiente resultante dessa dinâmica produtiva. Na verdade, a pesquisa do autor não analisou individualmente cada município, principalmente no que se refere ao processo de adensamento urbano, mas chega a conclusões que permitem reflexões sobre as repercussões das atividades do agronegócio sobre as formas e conteúdos urbanos. Enfim,

O espaço sub-regional da soja está concentrado na parte Sudoeste do Piauí, caracteriza-se por ser um movimento excessivamente exógeno com a presença de grupos econômicos que atuam no espaço e comandam a dinâmica da atividade de “fora para dentro”. Tal atividade gera consequências sociais e econômicas, [...], como a pouca geração de emprego, a existência de conflitos agrários em seu entorno, a baixa participação social na tomada de decisões, além do domínio da produção de grãos em grande escala, o que impede uma retomada de atividades agrícolas por parte de outros grupos de produtores locais, além das consequências ambientais geradas no território. Nesse espaço, as ações dos governos das diversas esferas são tímidas e reduzem-se à implantação de externalidades no setor de infraestrutura. Dessa forma, a natureza desse espaço sub-regional é recente, concentrador, espacialmente e de comando privado (FAÇANHA, 2009, p.215-216).

Façanha (2009) indica como o incremento na atividade produtiva agrícola no município de Uruçuí promove pouca geração de empregos e conflitos agrários, o que acaba por propiciar a saída do homem do campo em direção à cidade. Nesse sentido, uma das faces desse processo pode ser mensurado pela dinâmica populacional do espaço em questão.

A população de Uruçuí tem apresentado aumento ao longo dos anos conforme tabela 1, uma vez que saiu de um contingente populacional de 14.543 habitantes em 1980 para 15.913 em 1991, 17.011 em 2000 e 20.149 em 2010. No que diz respeito a dinâmica da população urbana e rural, verifica-se que em 1980 o município possuía 41,6% de sua população no urbano, enquanto que 58,4 vivia no meio rural. Já em 1980, a população urbana ultrapassa a rural, ao representar 56,3% da população. Entretanto, os números aumentam significativamente nas décadas seguintes, o que revela como o início e consolidação da produção agrícola no município incrementaram tal processo. Flagra-se que em 2000 a população urbana somava 65,33% e passou para 76,95% em 2010.

Tabela 1 - Dinâmica do crescimento populacional de Uruçuí – Piauí. 1980 a 2010.

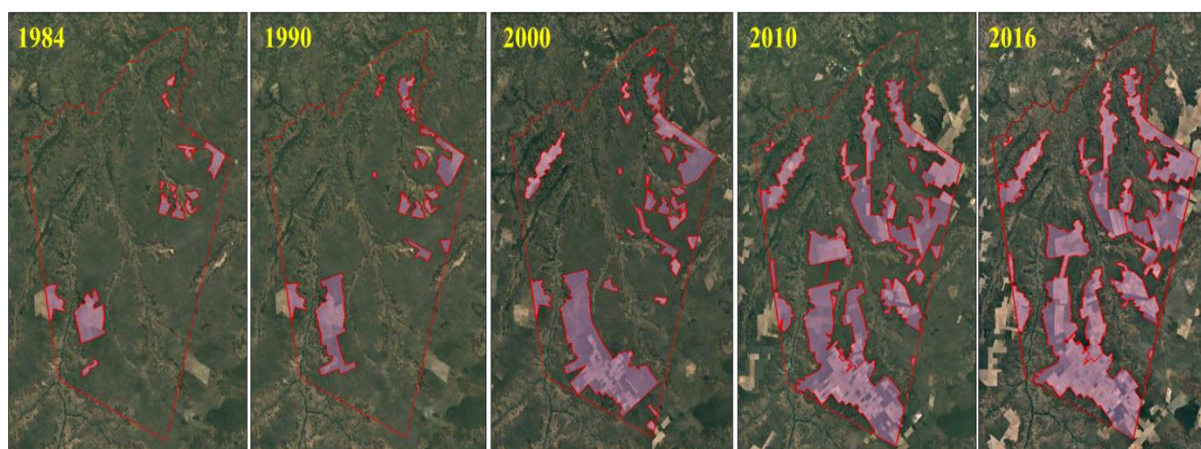
Ano	População total	Pop. Urbana		Pop. Rural	
		Nº	%	Nº	%
1980	14.543	6.049	41,6	8.494	58,4
1991	15.913	8.953	56,3	6.960	43,7
2000	17.011	11.112	65,33	5.899	34,67
2010	20.149	15.505	76,95	4.644	23,05

Fonte: IBGE (2019a; 2019b).

Essa dinâmica demográfica evidenciada pela tabela 1 é um dos reflexos da expansão do agronegócio em terras uruçuienses. Com efeito, é possível analisar, a partir de quantificação das áreas produtivas, como o desenvolvimento dessa atividade incrementou a expansão urbana, em que um de seus reflexos recai no aumento populacional do espaço citadino.

Inicialmente, pode-se observar a expansão das áreas destinadas aos cultivos agrícolas no município de Uruçuí de 1984 a 2016, conforme imagens do *Google Earth Pro* (Figura 2). Nessa percebe-se que expansão das áreas agrícolas deu-se, particularmente, nos setores centro-norte e centro-sul. Deve-se ressaltar que o município em questão apresenta predomínio de Latossolos Amarelos, distribuindo-se por 78,5% (6.603,3 km<sup>2</sup>) de sua área total (JACOMINE, 1983), que são solos em avançado estágio de intemperização, variam de forte a bem drenados e, geralmente, muito profundos (IBGE, 2007; EMBRAPA, 2009).

Figura 2 - Expansão das áreas destinadas à agricultura no município de Uruçuí, comparação entre os anos de 1984, 1990, 2000, 2010 e 2016.



Fonte: *Google Earth Pro* (2019). Adaptado pelos autores (2019).

No ano de 1980 a área plantada foi de 3.222 ha, conforme dados do IBGE (2019b), foram cultivados: algodão (26 ha), arroz (1.602 ha), cana-de-açúcar (20 ha), fava (200 ha), feijão (380 ha), mandioca (462 ha) e milho (532 ha). Nesse ano, percebe-se a presença predominantemente de área destinada ao cultivo de arroz.

Por sua vez, no ano de 1990 a área (20.620 ha) planta esteve ligada aos seguintes cultivos (IBGE, 2019b): arroz (14.500 ha), cana-de-açúcar (70 ha), fava (100 ha), feijão (920 ha), mandioca (620 ha), milho (4.350 ha) e soja (60 ha). No referido ano destaca-se a presença de áreas destinadas ao cultivo da soja, que ao longo dos anos seguintes virá a ser a lavoura preponderante no município, ao passo que se pode destacar o aumento da área destinada ao plantio de arroz da ordem de 88,9%, de 1980 para 1990.

Por seu turno, no ano de 2000a área destinada às lavouras temporárias totalizaram 28.511 ha e estiveram associadas aos seguintes produtos (IBGE, 2019b), foram cultivados: arroz (13.961 ha), cana-de-açúcar (5 ha), fava (20 ha), feijão (539 ha), mandioca (120 ha), melancia (10 ha), milho (1.861 ha) e soja (11.995 ha). Observa-se, desse modo, a preponderância de área destina à lavoura da cultura de soja, cujo aumento foi de 99,4 %, em relação ano de 1990.

Em 2010 a área plantada foi de 114.453 ha, conforme dados do IBGE (2019), foram cultivados: arroz (4.227 ha), cana-de-açúcar (10 ha), fava (20 ha), feijão (2.782 ha), mandioca (300 ha), milho (11.462 ha), soja (95.592 ha) e sorgo (60 ha). Observa-se, desse modo, a preponderância de área destina à lavoura da cultura de soja, com área de plantio ampliada em 87,4%, quando considerado o ano de 2000.

Em relação ao ano de 2016 houve aumento considerável das áreas destinadas ao cultivo agrícola temporário para 175.889 ha (IBGE, 2019), a saber: algodão (2.375 ha), arroz (6.760 ha), cana-de-açúcar (10 ha), fava (19 ha), feijão (3.442 ha), mandioca (90 ha), melancia (10 ha), milho (50.235 ha), soja (112.948 ha) e sorgo (60 ha). Diga-se que permanece o predomínio das áreas destinadas à lavoura da cultura de soja, cujo aumento foi da ordem de 15,4% de 2010 para 2016, seguida da cultura de milho que teve aumento de 71,2%.

## **CONCLUSÕES**

A produção do espaço urbano centra-se na díade forma-conteúdo, as quais podem ser lidas sob diversos ângulos analíticos. Nesse sentido, investigar o aumento das áreas agricultáveis de um dado território municipal pode ser uma linha que permita relacionar as atividades agrícolas e suas repercussões no tecido citadino.

A expansão do agronegócio no Brasil tem ensejado produções e dinâmicas nos espaços urbanos de forma significativa. Nessa direção, Uruçuí também passa por esse processo, em que uma de suas faces é revelada no crescimento populacional urbano, haja vista que em 2010 esse contingente vivendo na cidade representava 76,95% da população.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e modernização nos cerrados piauienses: formação territorial no império do agronegócio**. 2006. 320f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. A expansão da soja e o processo de urbanização nos cerrados piauienses. In: Encontro de Geógrafos da América Latina 10., **Anais...** 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/05.pdf>. Acesso em 01 Set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS: tecnologia da informação a serviço do SUS**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/poppi.def>>. Acesso em: 31 ago. 2019

AGUIAR, R.B.; GOMES, J.R.C. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí**: diagnóstico do município de Uruçuí. Fortaleza: CPRM, 2004.

BARBOSA, A.M.F. **Dinâmicas ambientais e transformações da paisagem no cerrado piauiense**. 2013. 253f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2013.

BRASIL. Serviço Geológico do Brasil. Ministério de Minas e Energia. **Mapa Geológico do Estado do Piauí**. 2. ed.Teresina, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Mapas estaduais de geodiversidade: Piauí**. Rio de Janeiro: CPRM. 2006b. Documento cartográfico em arquivo vetorial. Disponível em:<<http://geobank.sa.cprm.gov.br>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

CARLOS, A.F.A. A diferenciação socioespacial. **Revista Cidades**, Presidente Prudente-SP, v.4, n.6, p. 45-60, 2007.

\_\_\_\_\_. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CORREIA, R.L. Diferenciação socioespacial, escala e práticas espaciais. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v.4, n.6, p.61-72, 2007.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CUNHA, E.S.; NUNES, F.R.A. Mapeamento do crescimento da área urbana e área de plantio em Uruçuí com o uso de imagens do Landsat 5 e 8. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.5, n.1, p.1459-1466, jan. 2019.

ELIAS, D. Construindo a noção de Região produtiva do agronegócio. In: OLIVEIRA, H.C.M.; CALIXTO, M.J.M.; SOARES, B.R. (Org.). **Cidades Médias e região**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos (Rio de Janeiro, RJ). **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Rio de Janeiro: EMBRAPA-SPI, 2009.

FAÇANHA, A.C. **Desenvolvimento territorial recente em espaços sub-regionais no Piauí**. 2009. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GOOGLE EARTH PRO. **Imagens Landsat**: 1984, 1990, 2000, 2010, 2016. Consulta realizada em 08 set. 2019.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço**. São Paulo: EDUSP, 1993.

INFRAESTRUTURA NACIONAL DE DADOS ESPECIAIS. **Mapa de Solos da Folha SB.24**: Jaguaribe. Disponível em: <<http://www.visualizador.inde.gov.br/>>. 2014. Acesso em: 13 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Uruçuí. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 31 ago. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Malha municipal digital do Brasil**: situação em 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <[ftp://geoftp.ibge.gov.br/malhas\\_digitais/](ftp://geoftp.ibge.gov.br/malhas_digitais/)>. Acesso em: 04 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Manual Técnico de Pedologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

\_\_\_\_\_. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Produção agrícola municipal**: 1980, 1990 e 2000. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457>>. Acesso em: 10 set. 2019b.

JACOMINE, P.K.T. **Mapa exploratório-reconhecimento de solos do estado do Piauí**. Convênio EMBRAPA/SNLCS-SUDENE-DRN. 1983.

LIMONAD, E. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, M. *et al.* **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MONTEIRO, M.S.L. **Ocupação do cerrado piauiense**: estratégia empresarial e especulação fundiária. 2002. 227f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.



MONTESSORO, C.C.L. **Centralidade urbana e comércio informal:** os novos espaços de consumo no centro de Anápolis – GO. 2006. 383f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.

RODRIGUES, A.S.R. **A produção do espaço urbano de Juiz de Fora/MG:** dinâmicas imobiliárias e novas centralidades. 2013. 291f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RUFO, T.F.; ARAÚJO SOBRINHO, F.L. Modernização agrícola nos cerrados piauienses: novas dinâmicas socioespaciais e transformações urbanas em Bom Jesus e Uruçuí – PI. **Revista Equador**, v.7, n.2, p.164-186, Teresina, 2018.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manual de geografia urbana.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A urbanização desigual:** a especificidade do fenômeno em países subdesenvolvidos. Petrópolis: Vozes, 1982.

SPÓSITO, M.E.B.; SOARES, B.R. **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional:** Tandil e Uberlândia. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SPÓSITO, M.E.B. **O chão em pedaços:** urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 504f. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e urbanização.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. Reestruturação da cidade. In: MELO, J.L. (Org.). **Região, cidade e poder.** Presidente Prudente: GASPERR, 1996.

URUÇUÍ. (Município). **Conheça Uruçuí - PI.** Disponível em: <https://www.urucui.pi.gov.br/>. Acesso em: 31 ago. 2019.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados.** São Paulo, v.25, n.71, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142011000100004&script=sciarttext>. Acesso em: 22 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.